



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO
EM
LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS -
LICENCIATURA

EMILY KAROLINE OLIVEIRA PIMENTEL LIMA

GRAMATICALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES *DIZ QUE* E *DISSE*
***QUE* NA FALA POPULAR DE SALVADOR**

Conceição do Coité
2014

EMILY KAROLINE OLIVEIRA PIMENTEL LIMA

GRAMATICALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES *DIZ QUE E DISSE QUE* NA FALA POPULAR DE SALVADOR

Monografia apresentada ao Departamento de Educação, *Campus XIV*, Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura- Licenciatura da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como instrumento de avaliação para obtenção do grau de Licenciada.

Orientação: Professora Dr^a Cristina Carvalho.

Conceição do Coité
2014

EMILY KAROLINE OLIVEIRA PIMENTEL LIMA

GRAMATICALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES *DIZ QUE E DISSE QUE* NA FALA POPULAR DE SALVADOR

Monografia apresentada ao Curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas - Licenciatura, do Departamento de Educação – Campus XIV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte do processo avaliativo para obtenção do grau de Licenciado em Letras Vernáculas.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristina dos Santos Carvalho – Orientadora

Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV

Assinatura: _____

Profa. Rosana Santos Dórea

Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV

Assinatura: _____

Prof. Moacir da Silva Cortes Júnior

Universidade do Estado da Bahia – Campus XIV

Assinatura: _____

Dedico este trabalho à minha mãe,
Com eternas saudades.

AGRADECIMENTOS

Foi preciso muita determinação para conseguir...

Primeiramente, agradeço ao meu Deus, Jeová, por ter me dado forças para seguir e suportar as adversidades encontradas neste percurso...

À minha mãe, que, apesar de não estar presente fisicamente, encontra-se viva em minha memória, por sua vontade de ver as filhas realizadas, e eu me realizei.

Aos meus avós, pela coragem de eles me criarem e me apoiarem das suas formas nesta conquista e, em particular, por meu avô me esperar às 11: 45 da noite, todos os dias em que me manteve ao seu lado.

A meu esposo, pelo companheirismo e entendimento.

Aos meus parentes, tios, primos, em especial a Lú, por enxergar, antes de mim, as letras que poderiam surgir no meu coração, e aos verdadeiros amigos, pelas simples palavras declaradas e pela sua grande importância,

Ao irracional, tão ajudador, Dime.

À minha grande companheira, ajudadora e amiga, Carla, por me salvar nos momentos mais inusitados, e a você, Rafa.

À minha orientadora, Cristina Carvalho, pelo apoio, bronca e ajuda. Se não fosse por você, por sua mediação, eu realmente não teria conseguido. Obrigada, Cris!

A todos os professores que foram transmissores de conhecimento.

À minha turma inteira, que, apesar de ser tão distinta em gostos, opções e crenças, manteve-se ajudadora uns dos outros até o fim.

À FAPESB e à UNEB, por propiciarem a bolsa de Iniciação Científica, cujo projeto serviu de norte para esta monografia.

E enfim.... a todos que sabem das suas importâncias em minha vida, obrigada!

RESUMO

No português brasileiro, algumas formas ou construções verbais vêm passando por mudanças e têm adquirido novos sentidos. É o que se observa com o verbo *dizer*, que, nas construções *diz que* e *disse que*, tem apresentado, além do seu valor declarativo, empregos como evidenciais (GALVÃO, 2007, 2001). Tais construções, geradas no contexto de terceira pessoa do singular do verbo *dizer*, seguido da conjunção *que*, estão em processo de gramaticalização. Esta monografia, ao abordar a gramaticalização do verbo *dizer* nas construções *diz que* e *disse que* na fala popular de Salvador, tem como objetivo geral analisar os diferentes usos - gramaticalizados ou não - atribuídos a essas construções. Para tanto, fundamenta-se nos pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico, sobretudo da vertente americana (MARTELOTTA; AREAS, 2003, MARTELOTTA, 2011, dentre outros). Sob a perspectiva metodológica, a pesquisa adota os pressupostos metodológicos da sociolinguística quantitativa. Como *corpus*, utiliza 48 inquéritos do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP). Os resultados desta pesquisa apontam que: (a) de forma geral, foram encontrados mais usos declarativos para as construções; (b) os tipos evidenciais encontrados na amostra foram de verdade geral, boato e especulação; (c) dentre os diferentes usos atribuídos às construções *diz que* e *disse que*, os valores evidenciais são os considerados os mais gramaticalizados; (d) os usos evidenciais caracterizam-se pela não explicitude do sujeito, ocorrem sempre com sujeitos expressos pela anáfora zero; (e) o futuro perifrástico tende a ser o tempo verbal mais presente nos usos evidenciais; (f) a polaridade referente a *dizer* evidencial, nas duas construções analisadas, é afirmativa; (g) quanto à polaridade da cláusula encaixada, os usos mais gramaticais tendem a ocorrer com essas sentenças com polaridade afirmativa; (h) independente do seu grau de escolaridade, os falantes usam mais *diz que* e *disse que* declarativos.

Palavras-chave: Funcionalismo linguístico. Gramaticalização. Contexto morfossintático. Verbo *dizer*.

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Distribuição dos informantes na amostra..... | 21 |
|--|----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Distribuição das construções <i>disse e diz que</i> na amostra..... | 31 |
| Tabela 2: Distribuição dos usos das construções <i>diz que e disse que</i> na amostra..... | 32 |
| Tabela 3: Formas das construções examinadas..... | 33 |
| Tabela 4: Presença e ausência de sujeito das construções examinadas..... | 33 |
| Tabela 5: Formas de expressão de sujeitos das construções examinadas..... | 34 |
| Tabela 6: Tempo verbal da cláusula encaixada..... | 35 |
| Tabela 7: Polaridade de dizer | 36 |
| Tabela 8: Polaridade da cláusula encaixada..... | 37 |
| Tabela 9: Distribuição dos usos das construções em função do grau de escolaridade.... | 38 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| CAPITULO 1: | |
| 1 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA | 11 |
| 1.1 VISÃO FUNCIONALISTA DA LINGUAGEM..... | 11 |
| 1.2 GRAMATICALIZAÇÃO: CONCEITOS E PRINCÍPIOS | 13 |
| 1.3 A GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO <i>DIZ QUE</i> | 16 |
| CAPÍTULO 2: | |
| 2 METODOLOGIA | 20 |
| 2.1 <i>O CORPUS</i> | 20 |
| 2.2 FATORES CONSIDERADOS NA PESQUISA..... | 22 |
| 2.2.1 Fatores linguísticos e hipóteses..... | 22 |
| 2.2.2 Fatores sociais..... | 27 |
| 2.3 ETAPAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA..... | 28 |
| CAPÍTULO 3: | |
| 3 ANÁLISE DE DADOS | 29 |
| 3.1 USOS DAS CONSTRUÇÕES <i>DIZ QUE</i> E <i>DISSE QUE</i> NA FALA POPULAR DE SALVADOR- BA..... | 29 |
| 3.2 FATORES LINGUÍSTICOS..... | 32 |
| 3.3 FATORES SOCIAIS..... | 37 |
| CONSDERAÇÕES FINAIS | 39 |
| REFERÊNCIAS | 41 |

INTRODUÇÃO

As línguas humanas mudam com o passar dos anos, e isso é perceptível em relação não apenas à pronúncia de certos segmentos fônicos, mas também a aspectos gramaticais. Assim, é possível o reconhecimento da não estaticidade da língua tendo como base diferentes processos de mudança linguística-

Em um desses processos de mudança, evidencia-se que um item ou uma construção já utilizado(a) nas interações comunicativas pode ser modificado(a) ou reformulado(a) a partir das necessidades dos falantes. A título de ilustração, alguns verbos, em determinadas construções, passam por alterações e ganham novos sentidos, novas formas. Por exemplo, *dizer*, nas construções *diz que* e *disse que*, faz parte desses verbos. Tais modificações caracterizam a gramaticalização que, segundo Martelotta (2011), é um processo de mudança linguística unidirecional, em que um item ou construção, ao sair da liberdade atrelada ao discurso, passa a possuir características gramaticais e uma vez gramaticalizado, tende a tornar-se mais gramatical ainda.

No português brasileiro, as construções *diz que* e *disse que*, geradas no contexto de terceira pessoa do singular do verbo *dizer*, seguido da conjunção *que*, estão em processo de gramaticalização. Quanto à primeira construção, trata-se do verbo *dicendi dizer* empregado no presente do indicativo, na forma locucional *diz que* (CASSEB- GALVÃO, 2001); quanto à segunda, percebe-se o mesmo verbo também na terceira pessoa do singular, porém no tempo verbal do pretérito perfeito do indicativo. A partir dos variados usos de *diz que*, “o falante cifra para o interlocutor algo que não quer dizer claramente: a fonte da informação” (CASSEB-GALVÃO; LIMA HERNANDES, 2007). Assim, a fonte indireta dos empregos do item *diz que* pode estar vinculada a boatos, mentiras ou informações duvidosas. Essa mesma observação é válida para *disse que*, já que se observou que essa construção apresenta os mesmos usos de *diz que* no português brasileiro e, mais especificamente, na fala popular de Salvador.

Levando-se em consideração pressupostos acima e os diferentes usos atribuídos ao *diz que e disse que*, pretende-se aqui explicar como se dá a atuação da mudança linguística, principalmente, do processo de gramaticalização, nas línguas humanas, mais especificamente, no português brasileiro. Nesse caso, direciona-se, o olhar para os níveis de gramaticalização atingidos pelas construções *diz que* e *disse que*. Nesse sentido, levantam-se os seguintes questionamentos:

- (i) Quais os usos atribuídos às construções *diz que* e *disse que* na fala popular de Salvador?
- (ii) Dentre esses usos, quais se encontram mais ou menos gramaticalizados?
- (iii) Qual é a influência do contexto morfossintático para os usos gramaticalizados de *diz que* e *disse que*?

Seguindo os pressupostos da visão funcionalista da linguagem, mais especificamente, os da abordagem da gramaticalização, este trabalho tem como objetivo analisar os diferentes usos - gramaticalizados ou não - atribuídos às construções aqui investigadas. Para tanto, possui os seguintes objetivos específicos:

- (i) identificar os sentidos atribuídos à construção *diz que* e *disse que* na fala popular de Salvador;
- (ii) observar, dentre esses sentidos atribuídos, quais se encontram mais ou menos gramaticalizados;
- (iii) identificar quais as propriedades linguísticas comuns e divergentes dos usos encontrados para *diz que* e *disse que*;
- (iv) verificar qual a influência do contexto morfossintático para os usos gramaticalizados de *diz que* e *disse que*;
- (v) verificar a influência dos fatores linguísticos e sociais considerados na pesquisa.

Visando à consecução dos objetivos pontuados, foram utilizados como *corpus* inquiridos de um banco de dados denominado PEPP (Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador), desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia e coordenado pela professora Norma Lopes. Do ponto de vista metodológico, foram adotados postulados da sociolinguística quantitativa ou variacionista.

Esta pesquisa é fruto de um trabalho de Iniciação Científica, desenvolvido desde julho de 2013, sob a orientação da professora Dr^a Cristina Cavalho. Tal trabalho faz parte de um projeto maior, intitulado *Gramaticalização de verbos em construções complexas na fala popular de Salvador: reanálise e contexto morfossintático*, coordenado pela referida professora.

A execução desta pesquisa é de grande importância visto que se trata de uma temática pouco abordada em trabalhos de conclusão de curso da graduação e possibilitará ao meio acadêmico uma visão mais abrangente para questões concernentes à flexibilidade da língua.

Ainda é relevante o desenvolvimento desta pesquisa pelo fato de existirem poucos estudos da construção *diz que* no português brasileiro e, de entre esses estudos, não haver pesquisas acerca de tal construção na fala – tanto culta como popular - de Salvador. Registram-se estudos acerca dessa construção com base em dados do português contemporâneo falado culto - NURC/ São Paulo, Recife, Porto Alegre - e escrito (CASSEB- GALVÃO, 2001, 2010); e ainda há um trabalho que analisa, a partir da obra *Orto do Esposo*, dados do português arcaico (século XIV), comparando-os com o português contemporâneo (COELHO, 2010). Ademais, não se tem notícia de trabalhos sobre a construção *disse que*.

Este trabalho se divide em três capítulos. No primeiro, referente à fundamentação teórica, discorre-se sobre a visão funcionalista da linguagem, a abordagem da gramaticalização e a gramaticalização das construções *diz que e disse que*. No segundo capítulo, encontra-se a metodologia da pesquisa, descrevendo-se o *corpus*, os fatores linguísticos e sociais e as etapas metodológicas da pesquisa. No terceiro, referente à análise de dados, discutem-se os resultados em relação aos usos das construções *diz que e disse que* na fala popular soteropolitana e os fatores considerados na pesquisa. E, por fim, apresentam-se as considerações finais e referências.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho se fundamenta nos pressupostos teóricos do funcionalismo linguístico, desenvolvido no contexto norte-americano e, mais especificamente, na abordagem da gramaticalização. Assim, neste primeiro capítulo, que trata da fundamentação teórica da pesquisa, pretende-se (i) caracterizar a visão funcionalista da linguagem, (ii) explicar como se dá a atuação do processo de gramaticalização, nas línguas humanas e, especialmente, no português brasileiro e (iii) abordar a gramaticalização das construções *diz que* e *disse que*.

1.1 A VISÃO FUNCIONALISTA DA LINGUAGEM

Os funcionalistas, como seu próprio nome já indica, buscam analisar o funcionamento da língua, entendendo que os sentidos da língua são dependentes de contextos sociocomunicativos e que esta é utilizada para fins de interações sociais. De acordo com Martelotta e Areas (2003, p. 21), o funcionalismo vê a língua

como instrumento de comunicação, que, como tal, não pode ser analisada como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar a estrutura gramatical (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 21).

O funcionalismo tem como característica o estudo da não estaticidade da gramática, visto que ela é emergente (HOPPER, 1987 apud CUNHA, OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p. 50), o que se revela, por exemplo, pela busca dos usuários de uma língua por novas formas e construções linguísticas. Partindo desse pressuposto, esse modelo teórico considera que a gramática de uma língua nunca está completa, já que a própria língua está em constantes transformações: “A gramática está em um contínuo fazer-se” (MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 50). Ainda sobre essa questão, Cunha (2010) afirma o seguinte:

A gramática é vista como um organismo maleável, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes. Isso implica reconhecer que ao lado de padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, a gramática de qualquer língua exibe mecanismos de codificação emergentes, que são consequentes da necessidade de formas mais expressivas. (CUNHA, 2010, p. 173)

É relevante ainda citar que, para o funcionalismo, o foco dos estudos sobre a língua não visa apenas ao exame da sua estrutura interna, mas também das situações comunicativas,

da fala e dos indivíduos que dela se utilizam, ou seja, do contexto discursivo. Segundo Neves (2004), o funcionalismo se interessa em analisar como se dá a comunicação a partir de uma língua natural, ou seja, como os usuários desta língua se comunicam com eficiência.

Assim, a situação comunicativa está sempre atrelada aos estudos da língua sob a visão funcionalista. Em outras palavras, o funcionalismo procura explicar as regularidades da língua a partir das interações verbais e entende que a estrutura gramatical é concebida a partir da situação comunicativa. E é nesse sentido que o funcionalismo se opõe ao formalismo linguístico (representado pelo estruturalismo e gerativismo), que, de acordo com Martelotta e Areas (2003), “analisa a língua como objeto autônomo, cuja estrutura independe de seu uso em situações comunicativas reais”.

Existem, porém, alguns diferentes pontos do funcionalismo abordados por teóricos, tais como: Hallyday, que, em seus estudos, propõe a estrutura da língua como derivada da sua função comunicativa; ainda segundo Dik, um dos principais estudiosos do funcionalismo, a interação verbal é uma forma de atividade cooperativa estruturada, em torno de regras sociais, normas ou convenções. Givón busca descrever as estruturas linguísticas através de fatores cognitivos e Thompson e Hopper afirmam que o contexto discursivo é o principal motivador para os fatos que ocorrem na língua. Tais linguistas realizam estudos para explicarem a estrutura da gramática por meio das ações comunicativas. Desse modo, é importante ressaltar que existem variadas abordagens funcionalistas, porém todas possuem a mesma concepção de língua/ linguagem.

Givón, Thompson e Hopper são alguns dos representantes da vertente funcionalista americana. Alguns princípios fundamentais são abordados nessa vertente, a saber:

i) iconicidade, a qual propõe uma motivação entre forma e função; “com base nesse princípio, sustenta-se a ideia de que a estrutura linguística, na codificação de eventos do mundo real, corresponde a uma ordem cronológica e lógica” (AMORIM, 2012);

ii) Marcação- Tavares (2003 apud AMORIM, 2012) caracteriza o princípio da marcação como “um dos imperativos cognitivos que influi na gama de interrelações gramaticais”. Sobre esse princípio, Cunha (2010) afirma que

Um entre dois elementos que se opõem é considerado marcado quando exibe uma propriedade ausente no outro membro, considerado não marcado. Assim, no campo da morfologia, por exemplo é interessante observar, nesse sentido, a categoria de número: a forma “meninos” [+ plural] é marcada em oposição a “menino” [- plural], forma não marcada. (Cunha, 2010, p.170)

Ainda assim, de acordo com Cunha (2010), é interessante ressaltar que uma construção pode ser marcada num dado contexto e em outro não. Um dado que ocorre com maior frequência, por exemplo, pelos usuários de forma corriqueira, tem pouca expressividade e, quando querem ser expressivos, os falantes usam formas marcadas, podendo ser relevantes.

Givón (1995 apud Martelotta; Areas, 2003) apresenta características que definem a visão funcionalista, a saber:

- A linguagem é uma atividade sociocultural;
- A estrutura serve a funções cognitivas e comunicativas;
- A estrutura é não- arbitrária, motivada, icônica;
- Mudança e variação estão sempre presentes;
- O sentido é contextualmente dependentes e não-atômico;
- As categorias não são discretas;
- A estrutura é maleável e não rígida;
- As gramáticas são emergentes;
- As regras de gramáticas permitem algumas exceções. (GIVÓN (1995 apud MARTELOTTA; AREAS, 2003, p. 28)

Este aspecto não estático da gramática pode se manifestar através do processo de gramaticalização, juntamente com a heterogeneidade da língua. Na próxima seção, serão apresentados alguns conceitos e princípios da gramaticalização.

1.2 GRAMATICALIZAÇÃO: CONCEITOS E PRINCÍPIOS

Assume-se, neste trabalho, a gramaticalização como um processo gradual de mudança linguística. Nesse caso, na literatura linguística, entende-se que, ao sofrer gramaticalização, os elementos saem da liberdade criativa propiciada pelo discurso e tornam-se mais fixos, ou seja, o elemento perde a função referencial e passa a organizar a comunicação. A esse respeito, Martelotta (2011) afirma:

Gramaticalização é definida como um processo de mudança linguística unidirecional, no qual itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir funções gramaticais, deixando de atuar no nível representacional que faz alusão a dados do universo biossocial, para atuar no nível interpessoal apresentando elementos processuais que não têm caráter referencial, expondo funções tradicionalmente definidas como gramaticais (MARTELOTTA , 2011 p. 92).

Nesse sentido, para os funcionalistas, a gramaticalização, do ponto de vista semântico, manifesta-se através da passagem de usos mais concretos para mais abstratos. Nesse processo, a gramaticalização é unidirecional porque esses elementos representacionais que se tornam gramaticais dão seguimento a um *continuum* que parece não traçar um caminho contrário a esse processo¹.

A gramaticalização é vista como um amplo processo de mudança nas estruturas gramaticais, não apenas acontecendo em um item, mas envolvendo também as estratégias comunicativas como um todo. De acordo com Martelotta, Votre e Cezario (1996, p. 45), “gramaticalização leva itens lexicais e construções sintáticas a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou estratégias comunicativas”. Ainda, é possível afirmar que “gramática e discurso não são conceitos separados mas [...] constituem uma simbiose”, em que um está sempre a moldar o outro (MARTELOTTA; VOTRE; CEZARIO, 1996, p. 49).

Ressalta-se ainda que as línguas mudam com o decorrer do tempo, não só o que é pronunciado, mas também sua estrutura gramatical em função de alterações semântico-pragmáticas; tem-se aí uma relação direta com a gramaticalização, visto que

A gramaticalização é uma manifestação do aspecto não estático da gramática, uma vez que ela demonstra que as línguas estão em constante mudança em consequência de uma incessante busca de novas expressões e que, portanto, nunca estão definitivamente estruturadas (MARTELOTTA, 1996 p. 49).

Baseado na ideia de que uma forma pode assumir diferentes novas funções, Hopper (1991 apud GONÇALVES; CARVALHO, 2007) cita alguns parâmetros referentes ao processo de gramaticalização. Tais princípios serão ilustrados a partir da gramaticalização do substantivo *a gente* no pronome *a gente*:

1) Estratificação (Layering): formas diferentes ou novas podem coexistir com camadas antigas. Como exemplo, a forma *a gente*, no PB, passou a competir com *nós*. Em outras palavras, uma nova forma não exclui as antigas, mas se tornam próximas, basicamente com o mesmo significado.

2) Divergência: A qual explica que uma forma que deu origem ao processo de gramaticalização poderá manter suas características originais: por exemplo, o substantivo *a*

¹ É relevante ainda citar que alguns teóricos discordam em relação à unidirecionalidade da gramaticalização, já que existem contraevidências acerca dessa hipótese.

gente, forma fonte, ainda permanece como um item autônomo, coexistindo, num mesmo recorte de tempo, com a forma gramaticalizada, o pronome *a gente*.

3) Especialização: Refere-se ao estreitamento de formas de um mesmo domínio; nesse caso, uma forma já gramaticalizada passa a tomar mais espaço no que diz respeito à frequência do uso, sendo indício da *especialização* dessa forma. Por exemplo, uma pessoa com menos escolaridade pode escolher utilizar-se da forma *a gente* para não correr o risco de errar ao flexionar o verbo para a forma *nós*.

4) Persistência: Prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma fonte na forma gramaticalizada. Como o exemplo de *a gente* cuja ideia de coletividade é retida ao se gramaticalizar, o que pode ser agora um uso indeterminador.

5) Descategorização: As formas gramaticalizadas perdem suas marcas morfológicas, ou privilégios sintáticos como formas plenas verbos, nomes, e passam a assumir características de formas mais gramaticalizadas, com valor de advérbios, pronomes etc. Como exemplo, o pronome *a gente* perdeu a flexão de grau do substantivo *gente* (*gentinha*, *gentalha* etc).

Em relação aos princípios supracitados e o fenômeno aqui investigado, observa-se, a título de ilustração, a atuação do princípio de divergência porque, de acordo com o processo de gramaticalização, uma forma ou construção fonte gera formas ou construções gramaticalizadas. No caso do verbo *dizer*, Galvão (2011) cita que *(ele) diz que* deu origem à construção *diz que* não predicativa, sendo possível os dois usos coexistirem de acordo com as necessidades do falante. Em outras palavras, a construção fonte não foi substituída pela gramaticalizada.

No português brasileiro, algumas formas verbais têm passado por constantes mudanças e adquirido novos usos como modalizadores de opinião, operador evidencial etc. Referente à gramaticalização de formas verbais, é interessante ressaltar a influência do contexto morfossintático. De acordo com Carvalho (2011), “o contexto de terceira pessoa do singular tem sido instanciado como bastante produtivo no que diz respeito à gramaticalização do verbo matriz em orações encaixadas, com também seu contexto morfossintático”. Ainda para essa autora, “a depender do contexto em que se instancia a gramaticalização, parece haver uma influência no resultado da forma gramaticalizada dos pontos de vista discursivo-funcional e gramatical” (CARVALHO, 2011).

Assim, seguindo um processo de mudança, os verbos, em determinadas construções, passam por alterações e ganham novos sentidos, novas formas. *Dizer*, nas construções *diz que* e *disse que*, por exemplo, faz parte desses verbos em processo de mudança. A seguir, aborda-se essa questão.

1.3 GRAMATICALIZAÇÃO DA CONSTRUÇÃO *DIZ QUE*²

Neste subcapítulo, atenta-se para a gramaticalização da construção *diz que*, apresentando-se percursos percorridos pela forma fonte, o verbo *dicendi dizer*, até alcançar um nível mais gramatical (operador evidencial). Como resultado da gramaticalização de formas verbais na terceira pessoa do singular, de acordo com Carvalho (2011), têm-se produzido formas mais neutras do ponto de vista gramatical. Sobre essa questão, Casseb-Galvão e Lima- Hernandez (2007) afirmam:

Referente ao item *diz que*, ao utilizá-lo o falante não explicita o agente do dito, não é cifrada a fonte da informação, “[...] O falante emprega uma construção com o verbo *dizer* sem sujeito sintático, fixando a flexão, entretanto, na terceira pessoa do singular. Com esse recurso, o falante cifra para o interlocutor algo que não quer dizer claramente: a fonte da informação”. (CASSEB-GALVÃO; LIMA-HERNANDES, 2007, p.105).

Sobre os usos de *diz que*, Galvão (2004) cita um *continuum* de gramaticalização para essa construção no domínio evidencial: *Citativo > Intuitivo, Reportativo, Reportativo de mito > Assumido, Inferencial > De boato, Especulativo*.

Nesse *continuum*, o estágio inicial é polissêmico e, seguindo essa trajetória de mudança, acontecem alterações semânticas, morfossintáticas e fonológicas, destacando-se que, em relação a *diz que*, são mais presentes alterações sintáticas e semânticas.

Galvão (2004) ainda explica que, durante a passagem da forma fonte para forma alvo, acontecem o *bleaching* e a *abstração*: o primeiro caracteriza o enfraquecimento das propriedades semânticas, e o segundo tem relação com a redução da forma fonte, separação de propriedades especiais do elemento e a extensão do conceito original, caracterizando, respectivamente, a *generalização, isolamento e metaforização*.

Visto que os usos da construção *diz que* estão ligados a dúvidas e incertezas, ao mundo das possibilidades, está presente a dessemantização e, como resultado desta, surge o valor evidencial de *diz que*. E a partir desse valor de operador evidencial pertencente ao domínio das qualificações, essa construção expressa um domínio abstrato, o que caracteriza a

² Nesta seção, serão apenas enfocados os usos da construção *diz que* visto que não foram encontrados trabalhos sobre a construção *disse que*. Como se observou que existe uma variação entre essas construções no português brasileiro e, mais especificamente, na fala popular de Salvador, será adotada, neste trabalho, a mesma classificação de *diz que*, feita por Galvão (2001, 2007), para *disse que*.

transferência de um fato do mundo real para o mundo abstrato; transferência essa que sofre influências da *metáfora* e da *metonímia*, processos que agem juntos no que diz respeito à gramaticalização do *diz que*.

Por analogia, a metáfora aciona o processo polissêmico inicial e causa alterações no eixo pragmático; a partir disso, por reanálise, a metonímia provoca alterações no eixo sintagmático e faz gerar um novo significado gramatical no domínio evidencial. (CASSEB - GALVÃO, 2004)

Ao sofrer certa recategorização, passando a assumir seu valor evidencial, a construção *diz que* não seleciona argumentos e não aceita flexões de número e pessoa (CASSEB-GALVÃO, 2004). Torna-se, assim, um elemento mais frequente e fixo o que possibilita o reconhecimento do percurso: predicado matriz numa predicação encaixada (ele) *diz que* → operador evidencial.

Alguns dos exemplos citados por Casseb-Galvão (2004, p.2, 6) são:

(01) (...) o deputado federal José Santana de Vasconcelos (PFL) prega uma grande aliança em torno do governador. *Ele diz que* o bom relacionamento entre o PFL, o PSDB e o PTB mineiros deve ser estendido ao plano federal. (EM-LJ) DEL Ei: Xi: Pres ei: dizer [V] (3s)Ag

(02) L1 (...) e assim:: morreu um colosso de gente aqui em São Paulo
nessa ocasião que foi ..

L2 *diz que* em Jundiá também enterravam... agora (dá um) (...)
em () Campinas foi menos (NURC/SP,D2, INQ.396)

Baseando-se nos exemplos citados por Casseb- Galvão (2004), em relação a (01), é possível afirmar que *(ele) diz que* é uma predicação matriz, organizada a partir de um predicado, item lexical, verbo pleno, de elocução (*dizer*) e que exige uma oração encaixada como segundo argumento. No exemplo (02), o *diz que* não exerce função predicativa, visto que, com ele, não é evidenciado um agente do mundo real, a quem se pode atribuir a responsabilidade da fala, o que caracteriza insere esse uso em um domínio mais abstrato, evidencial. Nesse caso, ao sofrer a gramaticalização ou adentrar em um domínio mais abstrato, a construção *diz que* passa para o domínio mais abstrato.

Porém, existem fortes indícios de que o verbo **dizer** com valor declarativo na construção *diz que* ainda permanece, ou seja, nem todos os usos indicam a gramaticalização

de tal construção; permanecem, no PB, então, usos com valores declarativo e evidencial, o que mostra a atuação do princípio da divergência (HOPPER, 1991 apud GONÇALVES *et al*, 2007).

Quando se encontram usos do *diz que* sem o valor predicador, ou seja, é aí que, este passa a pertencer à categoria gramatical evidencial, nesse caso, com a construção já gramaticalizada:

DIZ QUE pertence a uma categoria gramatical evidencial, no sentido de que pertence a um paradigma constituído por um determinado número de elementos que não constituem predicados. Esses elementos expressam a origem do conteúdo asseverado. (COELHO, s/d pg. 08).

Na função evidencial, é possível detectar vários usos, como os citados por GALVÃO (2007). Dentre esses usos evidenciais mencionados pela autora para *diz que*, estão:

1) Evidência a partir da experiência pessoal indireta (03): A origem da informação cuja origem é o imaginário mitológico permite ao falante, segundo a autora, marcar certa distância temporal e espacial, em relação a aquilo que ele está narrando, já que é algo passado, histórico que ele jamais poderia ter presenciado

2) Evidência a partir da inferência (04): antes de dizer algo, o enunciador leva em conta fatores discursivos, o *diz que* é ativado a partir de informações. A explicitação dos fatores inferenciais antes da asserção qualificada pelo *diz que* direciona para uma leitura *evidencial inferencial discursiva*

3) Evidência a partir de *ouvir dizer* : *ouvir-dizer* é o domínio das experiências evidenciais indiretas, possuindo uma variação de uso. Em diferentes contextos, podem-se destacar três subtipos de expressão das experiências evidenciais de *ouvir-dizer*, com diferentes funções: (i) reforçar uma verdade geral pré-existente; (ii) divulgar o que se ouviu de terceiro; e (iii) exteriorizar elucubrações do enunciador.

3.1 Reforço de uma verdade geral (05): o uso *diz que* indica uma voz enunciativa como verdade geral, há uma voz coletiva que deu origem a tal informação, sendo atemporal; o falante e ouvinte, por tratarem de um assunto conhecido por todos, mantêm uma certa proximidade com o dito. Há necessidade de se deixar claro que aquele conhecimento é tido como certo pelo falante, certeza esta consagrada pelo domínio público, apesar de o falante não poder precisar a fonte primeira da informação.

3.2) Boato (06): o falante se descompromete com a veracidade do dito, ele tem uma experiência indireta com o fato dito, existindo uma distância espacial entre o falante e o fato descrito. Introduce relatos pessoais com informações das quais o enunciador teve conhecimento participando quase diretamente dos fatos.

3.3) Especulação (07): no domínio das especulações, segundo Galvão (2007), “a evidência é experimentada apenas pelo enunciador: o evento só existe na mente do falante. A informação, então, é fruto da especulação da mente do enunciador.

(03) *Diz que* era um rei, tinha uma filha por casar... (CNT-LR) ³

(04) Geni: Pois é, no Cassino da Urca, olha que chique. Parece até que ela é uma jovem muito simpática, culta, prendada... E rica, é claro. *Diz que* a família dela tem muito dinheiro. (OM – LD)

(05) Eurídice: *Diz que* mulher tem alma de gato. Tem. (O-LD)

(06) Malu: *Diz que* morreu todo mundo.

Lula: A mulher, só. As duas crianças se salvaram. (IN-LD)

(07) Estela: Inda conhece pobre? Que beleza... *Diz que* tem dois meninos procurando o pai ali na esquina.

Amorim: Ce ta ficando louca, mulher? (GA-LD)

Os tipos mencionados acima evidenciam o grau de gramaticalização atingido por tal construção que:

o *diz que* leva a asserção para o domínio *irrealis*, explicita um fato no campo das hipóteses. A justificativa para isso pode estar na própria escala de evidencialidade, ou seja, no campo das hipóteses, da abdução, há alguma evidência a favor desse fato. (GALVÃO, 2007, p. 114)

Os usos não predicativos evidenciais de *diz que* permitem ao falante um não comprometimento com o que foi dito. A mesma observação é válida para os usos de *disse que*. Tais usos, quando comparados às construções fonte com função predicativa e valor declarativo, ilustram a não estaticidade da gramática. Portanto, o alvo da investigação descrita neste trabalho são os usos do *diz que* e *disse que não-predicativos*, com características do domínio evidencial. Assim, em diferentes situações de uso, o *diz que* e o *disse que não-predicativos* funcionam como elementos evidenciais gramaticais, ou seja, como operadores evidenciais.

³ Exemplos de (03) a (07) extraídos de Galvão(2007, p. 107 -)

2 METODOLOGIA

O capítulo em questão apresenta os pressupostos metodológicos trabalhados nesta pesquisa, que seguem as orientações teórico-metodológicas da sociolinguística variacionista⁴, cujo precursor é William Labov.

É importante ressaltar aqui que, embora sejam utilizados os pressupostos da sociolinguística, o fenômeno investigado não ilustra uma variação linguística, mas sim um caso de mudança linguística, a saber, o da gramaticalização do verbo *dizer* no contexto de terceira pessoa do singular: de predicado matriz (ele) *diz/disse que* a um operador evidencial *diz/disse que*.

Assim, pretende-se explicar, a partir da atuação de fatores linguísticos e sociais, como se dá a atuação do processo de gramaticalização no português brasileiro e, mais especificamente, na fala popular soteropolitana. Nesse caso, direciona-se o olhar para os níveis de gramaticalização atingidos pelas construções *diz que* e *disse que*. O interessante é que tais construções, resultantes de um processo de gramaticalização, se encontram em processo de variação no português brasileiro, como se verá no capítulo de análise dos dados.

Este capítulo, portanto, se subdivide em três partes: na primeira, explicita-se o *corpus* utilizado para a análise dos usos das construções *diz que* e *disse que*; na segunda, descrevem-se os fatores - linguísticos e sociais - considerados na pesquisa; e, na última, mencionam-se as etapas metodológicas da pesquisa.

2.1 O CORPUS

Os dados utilizados nesta pesquisa fazem parte de um banco de dados denominado PEPP (Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador), desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia e coordenado pela professora Norma Lopes. O PEPP foi constituído entre os anos de 1998 e 2000.

O banco de dados do PEPP é composto de 48 inquéritos. Os informantes desses inquéritos estão distribuídos segundo, gênero/sexo (masculino/feminino), nível de escolaridade (fundamental e médio), faixa etária (de 15 a 24 anos, 25 a 35 anos, 45 a 55 anos e a partir de 65 anos), conforme mostra o quadro 1.

⁴A teoria laboviana entende que é necessário estudar, de forma empírica, as comunidades de fala. Seu propósito, portanto, é estudar a variação da língua no seu contexto social (COAN; FREITAG, 2010).

| IDADE | ESCOLARIZAÇÃO | HOMEM | MULHER |
|-------------------------|---------------|----------------------------------|--------------------------------|
| De 15 a 24 anos | Fundamental | PEPP 42 PEPP/ 47 PEPP/ 18 | PEPP/43 PEPP/33 PEPP/05 |
| | Médio | PEPP/48 PEPP/20 PEPP/04 | PEPP/02 PEPP/12 PEPP/03 |
| De 25 a 35 anos | Fundamental | PEPP/40 PEPP/22 PEPP/09 | PEPP/19 PEPP/12 PEPP/29 |
| | Médio | PEPP/13 PEPP/ 33 PEPP/28 | PEPP/10 PEPP/23 PEPP/21 |
| De 45 a 55 anos | Fundamental | PEPP/ 30 PEPP/32 PEPP/37 | PEPP/31 PEPP/36 PEPPE/46 |
| | Médio | PEPP/ 26 PEPP/ 24 PEPP/ 15 | PEPP/07 PEPP/08 PEPP/17 |
| De 65 anos em diante | Fundamental | PEPP/34 PEPP/35 PEPP/06 | PEPP/38 PEPP/39 PEPP/01 |
| | Médio | PEPP/14 PEPP/16 PEPP/ 11 | PEPP/41 PEPP/27 PEPP/25 |

Quadro 1 – Distribuição geral dos inquiridos e informantes do PEPP

Fonte: Lopes; Souza; Souza (2009, p. 14)

Como amostra para o desenvolvimento deste trabalho, foram considerados todos os 48 inquiridos do PEPP. Tal decisão foi tomada porque houve poucas ocorrências das construções *diz que e disse que no corpus*.

2.2 FATORES CONSIDERADOS NA PESQUISA

Visto que, na pesquisa em questão, o estudo do fenômeno da gramaticalização, sob o enfoque funcionalista, visa analisar a língua em uso, no seu funcionamento propriamente dito, pode-se considerar incompleto o estudo das construções *diz que* e *disse que* sem se levarem em conta fatores linguísticos e sociais que implicam seu uso e/ou funcionamento.

2.2.1 Fatores linguísticos e hipóteses

No âmbito desta pesquisa, foram considerados os seguintes fatores linguísticos:

a) Usos das construções examinadas.

Atenta-se aqui para os usos das construções *diz que* e *disse que* predicativos com valor declarativo (01), (02) e os usos não predicativos, que se dividem em: (i) reforço de verdade geral (03), (ii) de boato (04), (iii) especulação (05).

(01) **DOC:** Abandonou pra que

24: Não foi abandono de serviço. *O cara diz que* foi abandono, que eu não estava no local né? Mas estava na área, só que... (PEPP, Inf. 24, p. 14)

(02) **DOC:** O senhor soube algum caso desses?

11: Teve um uma vez que ele deu uma dissertação sobre um assunto e o, *ele disse que* não sabia nada sobre aquilo então o que ele pegou, ele pegou e disse ele que não sabia e ia dissertar sobre outra coisa, ele tinha um, o esquema na mão, e fez uma dissertação e ele considerou. (PEPP, Inf. 11, p. 08)

(03) **DOC:** Mas a educação em casa era diferente da educação que hoje..?

01: Ah, hoje é, eu acho. Porque hoje *diz que* não se pode fazer como antigamente, porque antigamente a gente batia, botava de castigo, não é, prendia, não vai, hoje não. Não se pode fazer isso com criança, porque ele vai ficar traumatizado. (PEPP, Inf. 01, p.03)

(04) **DOC:** Você já ouviu falar alguma coisa a esse respeito?

05: I... *disse que* ali fica um estuprador ali, só isso que I... falou, nunca ouvi falar que alguém pegou não, algum, algum homem pegou alguma mulher ali não. (PEPP, Inf. 05, p.04)

(05) **DOC:** O que é que você imagina que você vai encontrar em Paris?

03: Eh, eh, tudo quando é filme né, até propagandas também *diz que* a cidade é muito romântica, tem aquele clima assim friozinho, os lugares, eu imagino isso, (...inint...)(PEPP, Inf. 03, p.13)

Nesse grupo de fator, é provável que ocorram mais casos de *diz que* com valor de boato e de *disse que* com valor de verdade geral. Sendo assim, aventa-se a hipótese de que, na fala popular de Salvador, os usos evidenciais de boato e verdade geral serão os mais recorrentes pelo fato de serem mais impessoais, o que leva o informante a se distanciar do que está sendo dito.

b) Presença/ Ausência de sujeito das construções examinadas

Esse grupo de fator compreende os seguintes fatores: presença (06) e ausência de sujeito (07). É de grande importância considerar tal grupo de fator visto que esse serve como indício para justificar o trajeto da forma fonte: nesse caso, o *diz que/disse que* declarativo (-) gramatical até o *diz que* (+) gramatical (CASSEB-GALVÃO, 2004, 2007;). Nessa mudança, é relevante citar que, tanto para *diz que* como para *disse que*, coexistem as construções preenchidas com a presença do sujeito e as com sujeito zero, sendo essas últimas consideradas as mais gramaticalizadas.

(06) **DOC:** Mas isso você acha que é o que, ação da polícia é, da, da, do, da prefeitura, o que é que você acha que melhorou isso aí?

15: É o governo daqui, porque *Antônio Carlos Magalhães diz que* a violência tem que ser cobrada, vagabundo tem que ser tratado como vagabundo, se der vacilo ele mata, (... inint...), não surge um vagabundo famoso aqui em Salvador que não morra, repare no Rio ele domina morro, é dono de não sei o que, fecha o morro, não sobe ninguém. (PEPP, Inf. 15, p. 15)

(07) **DOC:** Mas essa história aí o que foi mesmo que a sua tia colocou em seu pé?

02: Toucinho quente, eh, eu furei...

DOC : Pra que?

02: \emptyset *Disse que* é ótimo, eh, eu furei o, o pé com prego enferrujado, aí a minha tia pegou, e minha avó, juntou todo mundo colocou toucinho quente, eu sei que foi o maior auê, minha mãe querendo... (PEPP, Inf. 02, p.02)

A partir de alguns resultados de pesquisas sobre *diz que* (CASSEB-GALVÃO, 2004 CASSEB-GALVÃO; LIMA HERNANDES, 2007; CARVALHO, s/d, dentre outros), é possível levantar a hipótese de que haverá mais ocorrências de ausência de sujeito nos usos

mais gramaticalizados das construções examinadas, que desempenham uma função não predicativa. Considera-se o contexto de sujeito implícito o mais relevante, já que ele possibilitou a reanálise das construções analisadas em evidenciais.

c) Formas de expressão de sujeitos

Para esse fator, verifica-se se o sujeito das construções investigadas é expresso por um sintagma nominal (SN) pleno⁵ (08), anáfora pronominal (09) ou anáfora zero (10).

(08) **DOC:** Então o castigo maior mesmo eram surras.

21: Eram surras, é, mas geralmente *muita gente diz que* relaxa no caso né, que relaxa, que é melhor botar de castigo e tudo né, e antigamente esses castigos eram mais como surra, mas muita gente dizia olhe porque surra relaxa, a gente botava de castigo, aí botava, ficava sempre as duas, e hoje em dia é difícil uns pais até botar de castigo, as vezes por falta de paciência pega e bate e acabou, entendeu?(PEPP, Inf. 21, p. 05)

(09) **DOC:** Você devia ficar fixo num banco e não estava

24: Ali eu não estava, não estava ali, diz ele, eu tentei justificar, mas *ele disse que* não, que eu tinha abandonado o posto, não sei o que, aí, como diz lá, canetou né, canetou, no outro dia saiu no boletim, oito dias de xadrez trabalhando, quer dizer, xadrez lá é trabalhando. (PEPP, Inf. 24, p. 14)

(10) **DOC:** Você está morando onde agora?

43: Estou morando na casa da minha sogra. *Ø diz que* é muito ruim morar na casa de sogra e pior que é mesmo (PEPP, Inf. 43, p. 02)

Estabelecendo-se uma relação com o fator presença/ ausência de sujeito das construções examinadas, considera-se que os usos mais gramaticalizados de *diz que* e *disse que* devem ocorrer com sujeitos expressos por anáfora zero.

d) Tempo verbal da cláusula encaixada

Levando-se em conta as ocorrências de tempos verbais no *corpus* analisado, foram arrolados verbos da cláusula encaixada no presente do indicativo (11), pretérito imperfeito (12), pretérito perfeito (13), futuro perifrástico (14) e futuro do pretérito (15).

(11) **DOC2:** Tinha esse tipo, como era a relação então com os, o aluno com o professor?

15: Era bem diferente, não tinha essa abertura toda, *diz que é* abertura, era mais pra, a professora te chamava pra sentar na, na carteira dela pra lhe

⁵ Considera-se SN pleno quando um núcleo desse sintagma é um substantivo.

reprimir era mais seguro, ela falava, passava a olhar, é isso, isso, e você cumpre, e hoje em dia não, como eu vi ali eu acho que bate até nele, professor de educação física que eu vi ali no Otávio Mangabeira. (PEPP, Inf. 15, p.05)

(12) **DOC:** Trabalha?

43: Ele, estava trabalhando, não é? parou, ele não parou? Eu desconfiei logo que ele parou de trabalhar, ele trabalhava de entrega, entregava nas casas, aí ele parou de trabalhar *disse que* a mãe dele **tomou** o trabalho dele, aí ele parou de trabalhar, também não trabalha mais. (PEPP, Inf.43, p.13)

(13) **DOC:** Plissada...

38: Toda pregueada, pregueada, toda pregueada, aqui eu tinha que tomar degabardina, *disse que tinha* que tomar no ferro, passar pra jornal, dobrava bem dobradinho, aí, aí depois que arrumava tudo, botava, forrava o colchão, suspendia o colchão, forrava com o papel, depois botava outro papel por cima da saia, um pano, e arreava o colchão... (PEPP, Inf. 38, p.14).

(14) **DOC:** Hum, sim mas quando eu falo assim do futebol é, é, é o todo, o campeonato, são os times.

18: Ah, até agora está bem organizado, esse ano mesmo foi bem, mas *disse que* para o ano não **vai ter** sua nota vale um show, mas esse ano foi bem porque teve a nota, a gente trocava por, uma nota de cinquenta reais por um cupom, cupom a gente pegava uma fila, trocava pelo ingresso e a gente ia, e para o ano *disse que* não **vai ter**, aí a gente vai ter que desembolsar deis reais ou cinco, seja quando for, pra ter que pagar, mas o futebol daqui vai bem. (PEPP, Inf. 18, p.08)

(15) **DOC:** Era um trabalho pesado né?

19: Era um trabalho pesado, eu me lembro que ela chegava em casa com as mãos assim cheias de calo de sangue assim ... ela tirava com a gilete, meu pai já tinha ido embora, porque meu pai conheceu uma mulher chamada H ... e daí se relacionou com essa mulher, depois *disse que ia ver* um trabalho, já estava com as sacolas prontas, já tinha levado pra casa dessa fulana, de lá ele foi embora com essa mulher hoje em dia ele mora em Minas com ela, em Belo Horizonte... (PEPP, Inf.19, p.03)

Com base nos resultados dos trabalhos de Casseb-Galvão (2004), Casseb-Galvão; Lima-Hernandes (2007), Carvalho (s/d), levanta-se a hipótese de que o tempo presente do indicativo deve ser o que mais ocorre nas cláusulas introduzidas pelas construções *diz que* e *disse que* gramaticalizadas. Como se trata do verbo *dizer* na terceira pessoa do singular, o presente do indicativo, marca, com maior clareza, o não comprometimento, a incerteza do falante ao asseverar uma informação (Galvão, 2004).

e) Polaridade das construções investigadas.

Verifica-se, nesse grupo de fator, se a polaridade das construções em estudo é afirmativa (16) ou negativa (17).

(16) **DOC2:** Está perto de se aposentar não é S...?

30: É porque eu tenho com quarenta e oito anos, eu comecei a trabalhar com, com dezoito anos, mas acontece que nessas firmas que eu, que eu trabalhei, eu dei um molezinho, foi perdido, e algumas firmas não, não procurei, mas que procurando aqui encontra, mas que eu, eu perdi uma carteira cheia de todos os trabalhos né, perdi uma carteira cheia de todos os trabalhos. Agora nessa carteira que eu tenho alguns eu botei, uns eu não botei porque eu perdi, mas *disse que* agora é tudo no computador agora eu só preciso ir no INSS agora, no INSS fazer a, a pesquisa disso, pegar o atestado de tempo de serviço né, pegar o atestado de tempo de serviço. Talvez... (PEPP, Inf. 30, p.09).

(17) **DOC:** Para voltar para casa?

26: Sim, para voltar para casa, porque ele demora muito para fazer dever, no caso copiar alguma coisa no quadro que a professora passa, deveria ficar copiando, ele está brincando com o colega, está olhando o que o colega está fazendo, então ele se perde, aí a professora quer que todos acabe no... ele chega deixa de fazer que a professora apagou o quadro, ele também *não diz que* não fez, não é? Fica calado, quando a professora vai ver... (PEPP, Inf. 26, p. 11).

Levando-se em conta os valores dos usos das s construções analisadas, ao utilizar-se da polaridade negativa em uma sentença, nega-se também a força de uma declaração, caracterizando-se, assim, um ato de descompromisso com o que é dito (GALVÃO; HERNANDES, 2006), ao utilizar o **não** antes da construção, o falante admite um descomprometimento da declaração apresentada. Portanto, a partir de tais afirmações, nas construções **não** gramaticalizadas, a polaridade negativa será a mais presente, uma vez que as construções gramaticalizadas já assinalam, na polaridade afirmativa, um ato de descompromisso do falante.

f) Polaridade da cláusula encaixada

Com relação a esse parâmetro, observa-se se a polaridade das cláusulas encaixadas é afirmativa (18) ou negativa (19).

(18) **DOC:** Mas essa história aí o que foi mesmo que a sua tia colocou em seu pé?

02: Toucinho quente, eh, eu furei...

DOC: Pra que?

02: *Disse que* é ótimo, eh, eu furei o, o pé com prego enferrujado, aí a minha tia pegou, e minha avó, juntou todo mundo colocou toucinho quente, eu sei que foi o maior auê, minha mãe querendo... (PEPP, Inf. 02, p.02)

(19) **DOC:** E ainda está grande a sua barriga?

05: Está, está grande ainda, eu tomo remédio todo o dia, mas *diz que não é* doença contagiosa não, nem nada, só é o caso da barriga crescer mesmo, tomo remédio, quando eu urino já tá diminuindo. (PEPP, Inf. 05, p.02)

Ao afirmar ou negar algo da cláusula encaixada nas construções *diz que* e *disse que* como evidenciais, o falante, de qualquer forma, não está assegurando aquilo que diz. O que se pretende saber é se o emprego dessas duas construções como evidenciais atinge ou não comportamento das suas cláusulas encaixadas. Seguindo tais ideias, levanta-se a hipótese de que os usos mais gramaticalizados tendem a ocorrer com cláusulas com polaridade afirmativa.

2.2.2 Fatores sociais

No que se refere ao estudo da língua, principalmente através de uma abordagem funcionalista, é de grande importância levar em conta os fatores extralinguísticos ou sociais para entender e investigar os fenômenos em variação ou mudança linguística. Em outras palavras, fatores externos não podem jamais ser descartados por estudos que se debruçam sobre usos e mudanças de determinados fenômenos linguísticos (MOLLIA, 2008).

Nesta pesquisa, as categorias sociais consideradas na codificação dos dados são as mesmas controladas no que diz respeito aos informantes dos inquiridos do PEPP. Tais categorias, como já foi mencionado, são as seguintes:

- (a) gênero/sexo (masculino/feminino);
- (b) nível de escolaridade (fundamental e médio);
- (c) faixa etária, que abrange as faixas 1 (de 15 a 24 anos), 2 (25 a 35 anos), 3 (45 a 55 anos) e 4 (a partir de 65 anos).

Na análise quantitativa dos dados, será apenas considerada a categoria social de escolaridade, para a qual se levantou a seguinte hipótese: o nível fundamental tende a ser o mais propício para o uso das construções analisadas. Em outras palavras, acredita-se que, com o aumento da escolaridade, haja uma redução no emprego de *diz que* e *disse que* como evidenciais.

2.3 ETAPAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

No decorrer da pesquisa, foram seguidas algumas etapas metodológicas para análise das construções *diz que* e *disse que*, a saber:

- (a) levantamento e fichamento de todos os trechos com *diz que* e *disse que*;

- (b) classificação dos usos de *diz que* e *disse que*: levando-se em consideração as propostas de Galvão (2007, 2004), Galvão e Lima Hernandez (2007), foram distinguidos os usos predicativos e os não predicativos dessas construções; esses últimos, como já foi exemplificado na seção 2.2.1, foram classificados em (i) reforço de verdade geral, (ii) boato e (iii) especulação.

- (c) codificação de cada uso das construções analisadas a partir dos fatores - linguísticos e sociais – controlados na pesquisa;

- (d) análise quantitativa dos usos das construções examinadas, com o auxílio do programa GOLDVARB X, que foi desenvolvido, no Canadá, por David Sankoff, Sali Tagliamonte e Eric Smith e é utilizado pela sociolinguística variacionista, ajudando no cálculo de frequência e peso relativo de fenômenos variáveis. Efetuada a rodada dos dados no programa, partiu-se para a interpretação dos resultados referentes à quantificação dos dados.

- (e) análise qualitativa dos dados: nesse caso, procedeu-se a uma descrição do comportamento de *diz que* e *disse que* no que concerne aos seus diferentes usos e aos fatores linguísticos que estão associados a tais usos.

Paralelamente às etapas acima que têm a ver com a observação e a análise dos dados, foi feita uma revisão de literatura, concernente à leitura de teóricos que abordam o funcionalismo linguístico e a gramaticalização das construções *diz que* e *disse que*.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta, inicialmente, os usos atribuídos a *diz que* e *disse que* na fala popular de Salvador - BA. Em seguida, discorre sobre os resultados alcançados, por meio das análises quantitativa e qualitativa dos dados, em relação aos fatores linguísticos e extralinguísticos presentes na pesquisa.

3.1 USOS DAS CONSTRUÇÕES *DIZ QUE* E *DISSE QUE* NA FALA POPULAR DE SALVADOR

Cada comunidade de fala possui suas necessidades sócio-comunicativas; assim, tanto a língua como a sociedade evoluem constantemente para atender às necessidades dos indivíduos, membros de uma comunidade de fala. Como explicitado no primeiro capítulo deste trabalho, registram-se estudos acerca da construção *diz que* com base em dados do português contemporâneo falado culto - NURC/ São Paulo, Recife, Porto Alegre - e escrito (GALVÃO, 2001, 2007; COELHO s/d). Nesses estudos, foram registrados diferentes usos para tais construções.

Na fala popular de Salvador, também foram documentadas ocorrências relacionadas a diferentes usos para o verbo *dizer* nas construções *diz que* e *disse que*. Vale ressaltar que, por não terem sido encontradas pesquisas acerca dessa última construção, serão adotadas as mesmas classificações de *diz que* para *disse que*. Na amostra analisada, além do seu valor declarativo como verbo *dicendi* (01), (02), foram encontrados os usos de verdade geral (03), (04), boato (05), (06) e especulação (07), (08), que se configuram como usos evidenciais das duas construções aqui examinadas.

(01) **DOC:** Hum, idade de brincadeira, né, a idade da brincadeira.

34: É, existe, o avô levou, depois voltou pra avó não quis, a mão não quis, a mãe também não quer, que o, a mãe, o padrasto *diz que* não quer, que a mãe também dela, “cala boca, quando eu sair eu vou pegar ela”, quando ela saía, “porque você bateu em minha camarada?”, aí o couro comia. Ela tomava... (PEPP, Inf. 34, p. 04)

(02) **DOC:** O senhor soube algum caso desses?

11: Teve um uma vez que ele deu uma dissertação sobre um assunto e o, ele *disse que* não sabia nada sobre aquilo então o que ele pegou, ele pegou e disse ele que não sabia e ia dissertar sobre outra coisa, ele tinha um, o esquema na mão, e fez uma dissertação e ele considerou. (PEPP, Inf. 11, p. 08)

(03) **DOC:** Mas a educação em casa era diferente da educação que hoje..?

01: Ah, hoje é, eu acho. Porque hoje *diz que* não se pode fazer como antigamente, porque antigamente a gente batia, botava de castigo, não é, prendia, não vai, hoje não. Não se pode fazer isso com criança, porque ele vai ficar traumatizado. (PEPP, Inf. 01, p. 03)

(04) **DOC:** Quais são os seus planos daqui para frente?

43: É cuidar das minhas filhas, não é? De ter... gostaria muito de trabalhar, mas *disse que* trabalho sem estudo está muito difícil. Tem que estudar, aprender a ler, escrever para trabalhar. Agora está difícil, não é? Aí eu gostaria muito de estudar, trabalhar, ter minha casa... (PEPP, Inf. 43, p. 07)

(05) **DOC:** Você conhece ele?

22: Conheço ele de vista, vejo ele passando *diz que* é meu pai, mas eu não conversamos nada mesmo... (PEPP, Inf. 25, p. 22)

(06) Trata qualquer... até aqui mesmo, essa... esse corte aqui. Uma vez meti isso aqui no... no arame farpado. Porque *disse que* antigamente era uma antiga fazenda, era uma antiga fazenda, e minha irmã me empurrou, eu brincando, (inint) (PEPP, Inf. 33, p. 07)

(07) **DOC:**O que é que você imagina que você vai encontrar em Paris?

03: Eh, eh, tudo quando é filme né, até propagandas também *diz que* a cidade é muito romântica, tem aquele clima assim friozinho, os lugares, eu imagino isso, (.inint...) (PEPP, Inf. 03 ,p. 13)

(08) **DOC:** Hum, sim mas quando eu falo assim do futebol é, é, é o todo, o campeonato, são os times.

18: Ah, até agora está bem organizado, esse ano mesmo foi bem, mas *disse que* para o ano não vai ter sua nota vale um show, mas esse ano foi bem porque teve a nota, a gente trocava por, uma nota de cinqüenta reais por um cupom, cupom a gente pegava uma fila, trocava pelo ingresso e a gente ia, e para o ano *disse que* não vai ter, aí a gente vai ter que desembolsar deis reais ou cinco, seja quando for, pra ter que pagar, mas o futebol daqui vai bem.(PEPP, Inf. 18, p. 08)

Em (01) e (02), seguidos de um sujeito preenchido (*o padrasto* ou *ele*), o verbo *dizer*, nas duas construções, tem o valor de ‘declarar’; nesse sentido, *dizer* constitui um verbo pleno. Em (03) e (04), percebe-se a distância dos informantes dos casos explicitados; eles acreditam que seja dessa forma, e uma voz geral confirma suas ideias: no primeiro caso, provavelmente, o informante não tenha vivido a educação de antigamente, mas uma verdade geral lhe

transmite essa ideia de que a educação atual não é como a de antigamente; no segundo caso, a sociedade inteira especula que trabalho sem estudo está realmente difícil.

Em (05) e (06), o informantes sabem que o fato dito é incerto, eles próprios garantem não ter certeza da veracidade das informações que lhe foram transmitidas, apenas ouvem dizer, e transmitem o que para eles é um boato como um outro boato: no caso, os fatos de alguém ser considerado o pai do informante e de ter havido uma fazenda em um lugar em que o informante brincava.

Em (07) e (08), existem especulações advindas da mente dos informantes: no primeiro exemplo, o falante não pode afirmar totalmente o que encontrará em Paris; no segundo exemplo, o falante especula em relação ao seguinte assunto: até mesmo para o ano em que haverá o próximo campeonato, ainda não houve uma afirmação de quanto será pago.

Os diferentes sentidos atribuídos às construções aqui explicitadas através dos exemplos acima demonstram que os verbos mudam através das necessidades dos seus usuários, deixando de ter seu valor pleno e passando a assumir funções de operador evidencial. E tais mudanças se tornam perceptíveis através do contexto discursivo.

Um aspecto relevante é que, em todos os usos evidenciais (03) a (08), o falante não se compromete com o que está sendo dito: uma vez que existe aí uma distância entre esse e o fato, ele não explicita a fonte da informação. Já nos casos com sujeito preenchido, mais especificamente, nos empregos de *diz que* e *disse que* com valor declarativo (01), (02), o ouvinte sabe exatamente quem declarou a informação.

Na amostra analisada, foram encontradas 64 ocorrências das construções *diz que* e *disse que*: dessas, 25 foram com *diz que* e 39 com *disse que*, conforme mostra a tabela 1.

Tabela 1: Distribuição das construções *disse e diz que* na amostra.

| Construções | <i>Diz que</i> | <i>Disse que</i> | Total |
|-------------|----------------|------------------|-------|
| Nº | 25 | 39 | 64 |
| % | 39,1 | 60,9 | 100 |

Com base na tabela 1, observa-se que, na amostra examinada, ocorre mais *disse que* (60,9%) do que *diz que* (39,1%).

As ocorrências das duas construções estudadas se distribuíram em quatro usos, como se vê na tabela 2.

Tabela 2: Distribuição dos usos das construções *diz que* e *disse que* na amostra.

| Usos das construções | <i>Diz que</i> | | <i>Disse que</i> | | Total |
|----------------------|----------------|----|------------------|------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | |
| Declarativo | 13 | 52 | 27 | 69,2 | 40 |
| Verdade geral | 4 | 16 | 4 | 10,3 | 8 |
| Boato | 4 | 16 | 5 | 12,8 | 9 |
| Especulativo | 4 | 16 | 3 | 7,7 | 7 |

Embora o total de ocorrências das construções examinadas não tenha sido alto, através dos dados expressos na tabela 1, é possível perceber que os usos mais presentes em relação a essas construções possuem um valor *declarativo*, perfazendo um total de 40 ocorrências que se distribuem da seguinte forma: 69,2% e 52% para *disse que* e *diz que*, respectivamente. Já, no que se refere tanto a *diz que* como a *disse que*, os valores mais gramaticais, dentro do *corpus* analisado, encontram-se distribuídos de forma quase semelhante, dentro de uma classificação maior denominada por Galvão (2007) de *ouvi dizer*; esta engloba os valores de *especulação*, *verdade geral* e *boato*. Na amostra examinada, em relação ao *diz que*, o percentual é o mesmo para esses três usos (16%); e para *disse que*, houve um percentual um pouco maior para o valor de *boato* (12,8%), seguido de *verdade geral* (10,3%) e, por fim, do valor *especulativo* (7,7%).

3.2 FATORES LINGUÍSTICOS

Nesta pesquisa, os diferentes fatores que envolvem o verbo *dizer* nas construções *diz que* e *disse que* foram considerados de grande importância, visto que o processo de mudança não ocorre de forma aleatória.

Como os usos de *especulação*, *verdade geral* e *boato*, classificados com valores evidenciais, apresentam características morfossintáticas próximas e representam os casos mais gramaticalizados das construções *diz que* e *disse que*, foi feita uma amalgamação dos dados, opondo esses usos evidenciais aos não gramaticalizados como verbos declarativos.

O primeiro fator considerado se refere à forma como se apresenta a construção: *diz que* e *disse que*, as quais foram consideradas mais gramaticais em seus usos evidenciais e menos gramaticais quando possuem valor declarativo, como demonstrado na tabela 3.

Tabela 3: Formas das construções examinadas.

| Construções | Declarativo | | Evidencial | | Total |
|------------------|-------------|------|------------|------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | |
| <i>Diz que</i> | 13 | 52 | 12 | 48 | 25 |
| <i>Disse que</i> | 27 | 69,2 | 12 | 30,8 | 39 |

A tabela 3 aponta que, dentre os usos considerados nesta pesquisa, a construção *disse que* tende a ter o seu valor mais declarativo (69,2%); já o *diz que* possui uma diferença percentual de 4% em favor do emprego como declarativo (52%) valores evidencias (48%). Tais usos demonstram que a construção fonte dos usos evidenciais não deixou de ser empregada pelos falantes soteropolitanos e esses empregos coexistem dependendo das suas necessidades de fala. Como já foi mencionado no capítulo de fundamentação teórica, tal coexistência entre as construção fonte e gramaticalizada remete ao princípio de divergência, o qual estabelece que a forma fonte poderá manter suas características apesar de a forma gramaticalizada passar a existir (HOPPER, 1991 apud GONÇALVES; CARVALHO, 2007) O segundo fator linguístico está ligado à presença e ausência de sujeito das construções examinadas, como se observa na tabela 4.

Tabela 4: Presença e ausência de sujeito das construções examinadas.

| Presença/ausência de sujeito | Declarativo | | Evidencial | | Total |
|------------------------------|-------------|------|------------|------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | |
| Presença | 25 | 100 | 0 | 0 | 25 |
| Ausência | 15 | 38,5 | 24 | 61,5 | 39 |

Analisando os dados da tabela 4, é relevante afirmar que a presença de sujeito (09), (10) se realiza categoricamente com o uso declarativo (100%). Em contraponto, os usos com ausência de sujeito (11), (12) ocorrem mais com os evidenciais (61,5%) do que com os declarativos (38,5%), o que parece confirmar a direção seguida pelas construções verbais aqui investigadas até a sua gramaticalização. Tais resultados também confirmam a hipótese de que haveria mais ocorrências com ausência de sujeito nos usos gramaticalizados, no caso, os evidenciais.

(09) **DOC2:** Ele chegou a ir pro hospital foi?

18: Foi, porque **ele disse que** estava sentindo muita dor. (PEPP, Inf.18, p. 12)

(10) **DOC:** Então o castigo maior mesmo eram surras.

21: Eram surras, é, mas geralmente **muita gente diz que** relaxa no caso né, que relaxa, que é melhor botar de castigo e tudo né, e antigamente esses castigos eram mais como surra, mas muita gente dizia olhe porque surra relaxa, a gente botava de castigo, aí botava, ficava sempre as duas, e hoje em dia é difícil uns pais até botar de castigo, as vezes por falta de paciência pega e bate e acabou, entendeu? (PEPP, Inf. 21, p. 05)

(11) **DOC:** Você está morando onde agora?

43: Estou morando na casa da minha sogra. \emptyset *Diz que* é muito ruim morar na casa de sogra e pior que é mesmo (PEPP, Inf. 43, p. 02)

(12) **DOC:** Mas a roupa sim.

33: Não, a nódoa é o seguinte, ela tem um... até um poder cicatrizante, aquilo ali.

DOC: É?

33: Trata qualquer... até aqui mesmo, essa... esse corte aqui. Uma vez meti isso aqui no... no arame farpado. Porque \emptyset *disse que* antigamente era uma antiga fazenda, era uma antiga fazenda, e minha irmã me empurrou, eu brincando, (inint)

DOC: Agora o perigo de ser no olho, se aquilo cai no olho. (PEPP, Inf. 33, p. 07)

O quinto fator linguístico diz respeito às formas de expressão de sujeitos. Os resultados para tal fator estão explicitados na tabela 5.

Tabela 5: Formas de expressão de sujeitos das construções examinadas

| Formas do sujeito | Declarativo | | Evidencial | | Total |
|---------------------------|-------------|-----|------------|----|-------|
| | Nº | % | Nº | % | |
| SN pleno | 9 | 100 | 0 | 0 | 9 |
| Anáfora pronominal | 15 | 100 | 0 | 0 | 15 |
| Anáfora zero | 16 | 40 | 24 | 60 | 40 |

Nas construções analisadas, os sujeitos podem ser expressos por um sintagma nominal (SN) pleno, anáfora pronominal ou anáfora zero. Referente à tabela 5, percebe-se que, nos usos evidenciais e mais gramaticalizados, não se encontram sujeitos expressos por SN pleno e anáfora pronominal mas apenas por anáfora zero (60%), como demonstram os exemplos (11) e (12). Já nos usos declarativos, as formas de expressão de sujeito SN pleno e anáfora pronominal se apresentam de forma categórica (100%) Assim, para os usos evidenciais, confirma-se a hipótese de que as construções que se encontram mais gramaticalizadas se realizam com sujeitos expressos por anáfora pronominal.

A tabela seguinte demonstra a influência que os tempos verbais podem exercer em relação às construções *diz que* e *disse que*

Tabela 6: Tempo verbal da cláusula encaixada

| Tempo verbal | Declarativo | | Evidencial | | Total |
|-------------------------------|-------------|------|------------|------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | |
| Presente do indicativo | 16 | 53,3 | 14 | 46,7 | 30 |
| Pretérito imperfeito | 11 | 64,7 | 6 | 35,5 | 17 |
| Pretérito perfeito | 7 | 87,7 | 1 | 12,5 | 8 |
| Futuro perifrástico | 1 | 25 | 3 | 75 | 4 |
| Futuro do pretérito | 5 | 100 | 0 | 0 | 5 |

A partir dos dados expressos na tabela 6, é possível notar que, referente aos usos evidenciais (13), encontram-se mais ocorrências de futuro perifrástico (75%), seguidas do presente do indicativo (46,7 %), o que nega a hipótese de que o presente do indicativo ocorreria mais com as cláusulas encaixadas das construções. No que se refere aos usos declarativos, o futuro do pretérito (100%) e o pretérito perfeito (87,7) se mostram mais frequentes, como demonstram os exemplos (14) e (15), respectivamente.

(13) **DOC:** É porque vai mudar a firma talvez né?

31: *Diz que vai chegar* outra firma mas ninguém sabe né. (PEPP, Inf.31, p.08)

(14) **DOC:** Revoltado... (superp)

19: Revoltado, meu irmão não saiu de dentro de casa pra não ver ele. Mas nós vimos, nós ficou chorando, eu mesmo, quando ele foi embora eu fiquei chorando, ele *disse que ia voltar*, e que ia botar um dinheirinho na caderneta pra gente, mas eu acho que ele se revoltou porque ele viu que nós tudo já estava como sem pai, minha mãe rasgou o registro de todo mundo, botou tudo como sem pai. E a idade da gente ela botou tudo de cabeça, e meu nome mudou, mudou o nome de meus irmãos, de minhas irmã, mudou o nome de todo mundo, e meu nome... (PEPP, Inf.19, p. 03)

(15) **DOC:** Abandonou pra que?

24: Não foi abandono de serviço. O cara *diz que foi* abandono, que eu não estava no local né? Mas estava na área, só que... (PEPP, Inf. 24, p. 14)

Outro fator interessante está ligado à polaridade do verbo *dizer*. A depender da polaridade, o falante poderá diminuir a força da sua declaração ou não, por utilizar a afirmativa ou a

negação antes das construções (GALVÃO; HERNANDES, 2006). Os resultados obtidos para esse fator estão expressos na tabela 7.

Tabela 7: Polaridade de **dizer**

| Polaridade de dizer | Declarativo | | Evidencial | | Total |
|---------------------|-------------|------|------------|------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | |
| Afirmativa | 38 | 62,3 | 23 | 37,7 | 61 |
| Negativa | 3 | 100 | 0 | 0 | 3 |

De acordo com a tabela 7, é possível observar que os usos de *dizer* tendem a ocorrer com polaridade negativa em maior frequência nos casos declarativos (15) com (100%). Já os usos evidenciais (16) encontram-se com ocorrências maiores para a afirmação (37,7%), o que confirma a hipótese deste trabalho de que os usos menos gramaticalizados seriam os mais marcados de polaridade negativa em relação a *dizer*; já os mais gramaticais, por carregarem, em sua estrutura, um certo distanciamento com o que é dito, já demonstram na afirmação um descomprometimento do conteúdo declarado.

(15) **DOC:** Para voltar para casa?

26: Sim, para voltar para casa, porque ele demora muito para fazer dever, no caso copiar alguma coisa no quadro que a professora passa, deveria ficar copiando, ele está brincando com o colega, está olhando o que o colega está fazendo, então ele se perde, aí a professora quer que todos acabe no... ele chega deixa de fazer que a professora apagou o quadro, ele também **não diz que** não fez, não é? Fica calado, quando a professora vai ver... (PEPP, Inf.26, p. 11)

(16) **DOC2:** Era isso que eu queria saber, e a reprovação existia? Já que os alunos eram tão... (... inint...) / (superp)

25: Ah, no meu tempo era assim, não podia perder nem uma matéria, *diz que* na escola normal, se perdesse perdia o ano, não tinha nada de (... inint...), não podia perder, eu nunca perdi, eu ia perder nesse ano. (PEPP, Inf. 25, p. 07)

A tabela a seguir apresenta os resultados referentes à polaridade da cláusula encaixada.

Tabela 8: Polaridade da cláusula encaixada

| Polaridade da cláusula | Declarativo | | Evidencial | | Total |
|------------------------|-------------|------|------------|------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | |
| Afirmativa | 30 | 57,7 | 22 | 42,3 | 52 |
| Negativa | 10 | 83,3 | 2 | 16,7 | 12 |

Os dados da tabela 8 indicam que as cláusulas encaixadas das construções com valor declarativo tendem a ocorrer mais com polaridade negativa (17) do que com polaridade afirmativa (83,3% e 57,7%, respectivamente). Isso se contrapõe aos usos evidenciais, cujas sentenças encaixadas apresentam um percentual um pouco maior de polaridade afirmativa (42,3%), como visualizado em (18).

(17) **DOC:** Já estava mais velho.

31: Mas eu não queria sair de dentro de casa, eu não queria sair, eu queria ficar, queria que ele saísse, porque ele *disse que não estava* dando certo a gente brigando todo dia, disse que não queria mais viver comigo, não sei o que, eu disse, “então você saia, e deixe os meus filho que eu tomo conta”, mas acontece que ele não queria, não queria que a, que, que, ele não queria sair nem de casa, ele queria que eu saísse... (PEPP, Inf. 31, p. 02)

(18) **DOC:** Você conhece ele?

22: Conheço ele de vista, vejo ele passando *diz que é* meu pai, mas eu não conversamos nada mesmo... (PEPP, Inf. 25, p. 22)

Tais fatores confirmam a hipótese de que os usos mais gramaticais tendem a ter cláusulas encaixadas com polaridade afirmativa.

3.3 FATORES SOCIAIS

Os fatores sociais ou os extralinguísticos são de fundamental importância na análise de dados, já que a língua, sem a sua função social, estaria praticamente morta, em desuso (MOLLICA, 2008). Quanto a tais fatores, podem-se citar o gênero/sexo, idade do falante, como também o grau de escolaridade.

Nesta pesquisa, foi considerado apenas o fator social grau de escolaridade, como evidenciado na tabela 9.

Tabela 9: Distribuição dos usos das construções em função do grau de escolaridade.

| Escolaridade | Declarativo | | Evidencial | | Total |
|--------------------|-------------|------|------------|------|-------|
| | Nº | % | Nº | % | |
| Fundamental | 28 | 65,1 | 15 | 34,9 | 43 |
| Médio | 12 | 57,1 | 9 | 42,9 | 21 |

É possível afirmar, a partir dos dados da tabela 9, que os falantes que possuem tanto o nível fundamental (65,1%) como o médio (57,1%) tendem a usar as construções com valor declarativo, o que contradiz a hipótese aqui levantada de que, no nível fundamental, seriam mais recorrentes usos das construções *diz que* e *disse que* como evidenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foram analisados os usos gramaticalizados ou não envolvendo o verbo dizer no contexto de terceira pessoa do singular, no presente e no pretérito perfeito do indicativo, seguido da conjunção que. Para isso, foram examinados dados da fala popular de Salvador, extraídos de inquéritos do Programa de Estudos sobre o Português Popular Falado de Salvador (PEPP). Como base teórica para análise dos dados, foram utilizados os pressupostos do funcionalismo linguístico (vertente norte-americana) e, sob a perspectiva metodológica, foram adotados os pressupostos da sociolinguística quantitativa.

Foi constatado, neste trabalho, que o verbo dizer, ao se gramaticalizar, gera novas construções como diz que e disse que, que, seguindo esse processo de mudança, perderam seu valor de declarar algo (verbo dicendi) e tornaram-se mais impessoais, assumindo o valor evidencial.

Dentre os usos registrados para as construções analisadas, foram encontrados os seguintes: declarativos e três tipos de evidenciais (reforço de verdade geral, boato e especulação). Na amostra, de forma geral, foram encontradas mais ocorrências de declarativos do que de evidenciais. Quanto às duas construções investigadas, houve mais ocorrências de disse que do de diz que.

Constatou-se que os usos mais gramaticalizados são os empregados com valores evidenciais, nos quais o não comprometimento do falante é marcado. Os usos não gramaticalizados são representados pelas construções com valor declarativo, que constituem as construções fonte dos empregos evidenciais.

Para análise dos dados, foram considerados alguns fatores, tais como: formas das construções, presença/ ausência de sujeito, tempo verbal das orações, polaridade da construção e cláusula encaixada (linguísticos) e grau de escolaridade (extralinguístico).

No que se refere aos fatores linguísticos, verificou-se que:

- (a) tanto disse que como diz que ocorrem mais com valores declarativos;
- (b) a presença de sujeito se realiza categoricamente com o uso declarativo; já os casos de ausência de sujeito, nas duas construções analisadas, são mais relevantes para os usos evidenciais, já que tais usos ocorrem sempre com sujeitos expressos pela anáfora zero;
- (c) os valores evidenciais encontram-se com maiores ocorrências de futuro perifrástico;

(d) ocorrem casos de *diz que e disse que* com valor declarativo com polaridade afirmativa e negativa, embora o percentual de ocorrência seja maior com polaridade negativa; as cláusulas encaixadas das construções com valor declarativo tendem a ocorrer mais com polaridade negativa do que com polaridade afirmativa.

(e) a polaridade referente a dizer evidencial, nas duas construções analisadas, é afirmativa; quanto à polaridade da cláusula encaixada, os usos mais gramaticais tendem a ocorrer com essas sentenças com polaridade afirmativa.

No que diz respeito ao fator escolaridade, observou-se que, independente do grau de escolaridade dos falantes, há um maior uso de *diz que e disse que* declarativos.

Este trabalho se mostrou de grande importância e muito relevante, pois esclareceu que as línguas humanas estão vivas e em constantes transformações. Ademais, demonstra, a partir de dados reais do português brasileiro, que é possível, através da gramaticalização, que os falantes, por meio da criatividade propiciada pelo discurso, possam suprir suas necessidades de fala, utilizando-se de novas formas e construções gramaticais nas suas interações comunicativas.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Fabrício da Silva. *Construções casuais por causa que: um caso de gramaticalização*. 2012. 117f. Dissertação (mestrado)- Universidade Federal da Bahia-UFBA. Salvador, 2012.

_____; AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Ângela Furtado da; MARIA, Rios de Oliviera; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p.17-28.

CARVALHO, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2004.

CASSEB- GALVÃO, Vânia. *De predicação matriz a operador evidencial: a gramaticalização de diz que*. VEREDAS, Ver, Est. Ling., Juiz de Fora, v. 8, n 1 e n 2, p. 163-181, jan/dez, 2004.

CASSEB-GALVÃO. V. C. *Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão "diz que"*. Araraquara, 2001. 205 p. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

CASSEB- GALVÃO, Vânia. *Gramática discursivo- funcional a teoria da gramaticalização: revisitando os usos de [diski] no português brasileiro*. FILOL. língüist. port., n. 13 (2),p.305-335. Universidade Federal de Goiás, 2011.

CASSEB- GALVÃO, Vânia; LIMA- HERNANDES, Maria Célia. As rotas de gramaticalização de diz que e tipo no português do Brasil. In: MENDES, Ronald Beline. *Passando a palavra: uma homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Paulistana, 2007.p.105-122.

GALVÃO, Casseb; LIMA, Vânia e. HERNANDES, Maria Cecilia. *Polaridade no encaixamento: relação entre camadas de negação e integração de orações*. In: Kemmler, R; Shifer, B; Schonberger, A.. (Org.). *Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachgesschtchstsschreibung*. Frankfurt: Domus Editora Europaea, 2006, v. 1, p. 1-. Disponível em: (http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/mariacelia_c11.pdf ,). Acesso em: 19 nov.2013).

COELHO, Katiane de carvalho. *Evidências de usos gramaticalizados e não-gramaticalizados de diz que em Orto do Esposo*. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. XIV, p. 2697-2704, 2010. Disponível em http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_3/completo_tomo_3.pdf. Acesso em: 19 nov.2013

CUNHA, Angélica Furtado da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.) *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2010, p.157-176.

Costa, A.N. CASSEB- GALVÃO, V.C. Os usos evidenciais não predicativos de diz que: um estudo em tempo real de pouca duração. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E

EXTENÇÃO DA UFG- CONPEEX, 3.,2006, Goiânia. Anais eletrônicos do XIV seminário de Iniciação científica, [CD-ROOM], Goiânia: UFG, 2006.n.p.

_____. Gramaticalização de verbos e contextos morfossintáticos. Estudos Linguísticos. São Paulo, 40 (1). jan/abr, 2011, p. 82-91. Disponível em <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/40/Vol.40-n.1-Integra.pdf>. Acesso em: 20. Out. 13

._____ Gramaticalização de verbos em construções complexas na fala popular de Salvador: reanálise e contexto morfossintático. Projeto de pesquisa. Junho, 2010.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; CARVALHO, Cristina dos Santos. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB- GALVÃO, Vânia Cristina. Introdução à gramaticalização. São Paulo: Parábola, 2007.

GORSKI, Edair et al. Gramaticalização/discursivização de itens de base verbal: funções e formas concorrentes. Disponível em <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/31/htm/comunica/GT9.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2013.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares. Funcionalismo. Disponível em: www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo048.pdf. Último acesso em: 29 de Jun 2014.

MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação IN: Introdução a sociolinguística: o tratamento da variação.- 3ºed; 1º reimpressão.- São Paulo: contexto,2008,p. 9-14.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Mudança linguística: Uua abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem). p. 91- 117.

MODESTO, Tiago Tácito. Abordagens funcionalistas. Disponível em: www.letramagna.com/Abordagens.pdf. Último acesso em: 30 de Jun 2014.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa- Características usos e possibilidades. Disponível em: http://www.dcoms.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf

_____; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria Maura. (orgs). Gramaticalização no português do Brasil: Uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ UFRJ, 1996. p. 45-68

Sociolinguística variacionista: Pressupostos teóricos metodológicos e propostas de ensino. Domínios de lingu@gem, Revista eletrônica de linguística,volume 4, -nº 2 -2º Semestre 2010- ISSN 1980-5799, < Disponível em> <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/11618/6863>.

http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/mariacelia_c11.pdf Polaridade no encaixamento:

relação entre camadas de negação e integração de orações Maria Célia Lima-Hernandes (São Paulo) Vânia Casseb Galvão (Pará).